

## **O Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, sob a ótica do Existencialismo de Sartre**

Doutor Odil José de Oliveira Filho<sup>i</sup> (UNESP/FCL Assis)  
Doutora Miriam Giberti P. Pallotta<sup>ii</sup> (UNIP/Bauru)

**RESUMO:** *O movimento filosófico existencialista foi um dos mais conhecidos e polêmicos do século XX. Um de seus principais precursores, Jean Paul Sartre, apresenta no texto **O existencialismo é um humanismo** alguns conceitos importantes relacionados à concepção de homem, como liberdade e responsabilidade, segundo a ótica existencialista. O objetivo dessa comunicação é apresentar uma possível leitura da obra **Ensaio sobre a cegueira**, de José Saramago, a partir destes conceitos existencialistas. Dessa forma, pretende-se avaliar a conduta de certas personagens, como a mulher do médico, os militares que “cuidam” dos cegos confinados e o grupo de cegos que tiranizam os demais, de acordo com a sua situação histórica e condição humana.*

**Palavras-chave:** José Saramago; **Ensaio sobre a cegueira**; Existencialismo; Jean Paul Sartre.

### **Introdução**

**É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade** (SARAMAGO, 1995, p.40) – a frase, como enfatiza o Narrador, é dita de forma **triste** pelo personagem do médico oftalmologista de **Ensaio sobre a cegueira**, ainda nos inícios da história da epidemia de cegueira branca que vai acabar por acometer a todos. Por dever profissional, já que percebe que a sua perda da visão, logo pela manhã, pode estar relacionada à repentina e misteriosa cegueira de que foi atacado um paciente que atendera no dia anterior, procura o médico alertar as autoridades do Ministério da Saúde sobre a possível ocorrência de uma espécie de epidemia, mas é tratado com insolência e rispidez pelo funcionário com quem fala pelo telefone, tentando um contato com alguma autoridade daquele Ministério. O trecho inteiro diz o seguinte:

A insolência atingiu o médico como uma bofetada. Só passados alguns minutos teve serenidade bastante para repetir à mulher a grosseria com que fora tratado. Depois, como se acabasse de descobrir algo que estivesse obrigado a saber desde muito antes, murmurou, triste, **É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade.** (SARAMAGO, 1995, p.40)

## 1. A visão infernal

Tal visão a respeito do mundo, aliás, a essa altura do texto, já a carrega o leitor do enredo, desde os momentos iniciais em que o primeiro homem cegou, em plena rua, dentro de um carro, e em que aquele que tão prontamente se prestou a levá-lo para casa só o fez para poder roubar-lhe o automóvel. Essa é, afinal, a grande metáfora do livro – metáfora essa que pelo seu caráter evidente, assume, quase explicitamente, o seu teor alegórico – trata-se da vida vivida pelos homens do mundo contemporâneo: metade indiferença e metade ruindade. Assim, desenvolvendo uma forma de patologia moral e espiritual, os homens representados no romance manifestam-na, repentinamente, como cegueira, física, mas não porque deixem de ver e mergulhem na escuridão. A doença que lhes corrói a alma produz, isso sim, uma estranha cegueira branca, uma luz que os cega e que, por isso, ainda que possam olhar, já nada mais podem ver. A intenção alegórica dá, à ficção, a transparência de uma lente: de posse dela, tendo o texto sob os olhos, o leitor é, então, lançado a olhar, a viver ele também, esse mundo da maldade e da indiferença – o da desumanizante existência contemporânea...

Nesse sentido e à primeira vista, o **Ensaio sobre a cegueira** teria tudo para nos conduzir a uma visão existencialista do mundo, dado o caráter infernal da representação da convivência humana, num espaço em que o outro é sempre fonte de desassossego e angústia. Dessa forma, tal como Virgílio a Dante, somos conduzidos por um narrador, fora da história que conta, a contemplar os círculos infernais de um manicômio onde são isolados os infectados pelo mal dos olhos, para assistir à sua cada vez maior degradação espiritual. Ocorre que, atingindo o máximo da vileza, da maldade e do egoísmo, os condenados finalmente descobrem que só se podem salvar se se solidarizarem, se se unirem, se buscarem, conjuntamente, uma saída do inferno a que foram condenados.

Infletida no texto, a luz dessa perspectiva de esperança não virá diretamente do Narrador, mas da personagem da mulher do médico – a única que nunca cegou, como (para manter o paralelo com Dante) uma espécie de Beatriz não idealizada, mas concreta e atuante, cuja lucidez nos ilumina a caminhada pelas trevas e nos faz suportar os horrores que sabemos causados por nossa própria cegueira.

## 2. A esperança humanista de Saramago e o Existencialismo de Sartre

Tal perspectiva nos força, afinal, a corrigir uma possível interpretação meramente existencialista da obra, dada a sobrevivência de uma poderosa crença humanista atuando e resistindo por sob a visão catastrófica do mundo – como, aliás, ocorre em toda obra desse grande humanista que é José Saramago.

Sendo assim, não haveria motivo algum para aproximar o **Ensaio sobre a cegueira** do Existencialismo, como aqui se anuncia, não fosse o caso de saber-se que o pensamento existencialista tentou, ele próprio, rever sua postura radicalmente individualista, buscando readquirir a essência do humanismo que sua filosofia havia suprimido, sendo o grande responsável por essa aproximação, como se sabe, o filósofo francês Jean Paul Sartre, principalmente num de seus mais conhecidos e populares livros, que é **O existencialismo é um humanismo**, lançado em 1946.

Percebe-se que as idéias de Sartre aí expostas (na verdade, consignadas numa conferência pronunciada em 1945) tentam, em primeiro lugar, reverter os sentidos

confusos que, à época, deturpavam o próprio designativo de **existencialista** e mesmo, em seguida, defender a sua doutrina dos ataques que sofria, principalmente das tendências de esquerda, que denunciavam o Existencialismo como uma postura nihilista e alienadora, na medida em que sua visão desolada do homem estaria erroneamente assentada numa perspectiva ainda metafísica, e não como produto de precisas circunstâncias históricas desumanizadoras. O intento de Sartre é, pois, rebater esse entendimento e provar o compromisso humanista do Existencialismo.

A reação a essas idéias de Sartre, no entanto, logo aparece, principalmente num texto publicado por Georg Lukács, intitulado **Existencialismo ou Marxismo**, escrito em 1947. Nele, Lukács vê como improvável a tentativa de Sartre de conciliar a doutrina existencialista e o humanismo, e, ainda que reconheça o esforço da posição conciliatória sartreana, entende que isso é impossível, resultando, na verdade, numa contradição insuperável entre as duas tendências no pensamento de Sartre. Nesse sentido, por exemplo, com vistas a ressaltar o que nos interessa neste momento, Lukács denuncia como contraditória a tentativa de Sartre de adequar a fundamental noção existencialista de liberdade, vista como possibilidade de decisão exclusivamente individual, e as circunstâncias históricas e sociais em que essas decisões individuais são tomadas (LUKÁCS, 1967, p.94-8).

Um outro exemplo dessa posição desconfiada em relação à tentativa sartreana de conciliar as duas tendências é dado por um discípulo brasileiro de Lukács, Carlos Nelson Coutinho, num ensaio intitulado **A trajetória de Sartre** (1966). Bem mais compreensivo que seu mestre, Coutinho reconhece Sartre “como o mais honesto e o mais lúcido dos existencialistas” (p.40). No entanto, ao traçar a trajetória filosófica de Sartre, entende que, apesar das transformações de seu pensamento rumo à assunção da perspectiva humanista, permanecem nele intocáveis os alicerces do “existencialismo original” (p.41). Assim, de **O existencialismo é um humanismo à Crítica da Razão Dialética**, Coutinho aponta o percurso de assimilação do pensamento de Sartre dos pressupostos do humanismo marxista, concluindo-o, porém, pela asserção de que, ao final, essa assimilação se reduzia “a uma exigência de análise – materialista e dialética – do indivíduo humano” (p.77). A novidade em relação a Lukács é o que acrescenta a seguir, reconhecendo ser “relativamente justa a observação sartreana de que, neste terreno, o marxismo ‘está por se fazer’” (id., ibid.)

Ora, é essa nuance de reconhecimento da pertinência da visão sartreana da insistência da responsabilidade individual diante da História que torna oportuna a aproximação entre o referido texto de Sartre e o romance de Saramago analisado, já que, como já se disse, é, principalmente, por meio das responsabilidades assumidas por um dos personagens que se alcança a libertação coletiva. Vejamos, pois, diretamente no texto, as idéias de Sartre a respeito.

Diz Sartre que o homem é o que ele faz de si mesmo. Para isto, ele se lança na direção de um futuro; e, em sendo consciente para se projetar no futuro, é, portanto, “um projeto que se vive subjetivamente”. Nada existe anteriormente a este projeto, (...) o homem será antes de mais nada o que tiver projetado ser” (1978, p.6). Dessa forma, “o homem é responsável por aquilo que é”, a sua existência é de sua total responsabilidade. E, complementa, não só sua existência individual, mas a de todos os homens.

Segundo Sartre, todos os atos individuais contribuiriam para criar o homem, para criar uma imagem de homem concebida como ideal, baseada em escolhas. Estas escolhas, portanto, não teriam implicações apenas individuais, mas, sobretudo, “para todos e para toda nossa época” (1978, p.6). Cada indivíduo seria responsável por si e por todos, pela criação de uma certa imagem de homem, e suas escolhas repercutiriam no coletivo. A angústia adviria exatamente dessa conscientização da responsabilidade de cada escolha feita, que teria repercussões sociais. Ela seria, afinal, condição para a ação, pois estaria implicada em toda decisão. Diante de muitas possibilidades, uma será a escolhida, e ela só teria valor porque foi a escolhida. Tal angústia não é paralisante, mas, ao contrário, faz parte da própria ação. “O homem está condenado a ser livre”, pois toda ação humana remeteria a uma opção feita pelo indivíduo, e não haveria determinismos, justificativas ou desculpas externas para isto. Nem mesmo os sentimentos estariam **livres**, como se fossem independentes da ação humana. “O sentimento constitui-se pelos atos que se praticam; (...)” (1978, p. 11).

Desamparo, angústia e desespero, temas tão relacionados ao existencialismo, responsáveis por ser-lhe inculcado um caráter niilista, na verdade, referir-se-iam à necessidade do homem de “agir sem esperança”. Agir sem esperança significaria, diz Sartre, não esperar que os acontecimentos sejam conduzidos exclusivamente por fatores externos, ou que o homem se alimente de vãs ilusões, pois “na realidade, as coisas serão tais como o homem tiver decidido que elas sejam”(1978, p.13).

Desta forma, o existencialismo se oporia ao quietismo, à acomodação, pois declara que: “o homem é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é, portanto, nada mais do que o conjunto dos seus atos, anda mais do que a sua vida” (SARTRE, 1978, p.13). Nesse sentido, o existencialismo não se aproximaria do quietismo, pois definiria o homem pela ação; não teria uma visão pessimista dele, já que o seu destino estaria em suas mãos; e não seria desencorajante, visto que afirma que a esperança está na ação, já que a única coisa que permite ao homem viver é o ato (SARTRE, 1978, p.15).

### **3. Existencialismo e Humanismo em *Ensaio sobre a cegueira***

Em **Ensaio sobre a cegueira**, algumas ações dos personagens são claramente demonstrativas desta protagonização definitiva, com implicações sociais. A primeira atitude, nesse sentido, que chama a nossa atenção, ocorre quando a mulher do médico decide acompanhá-lo ao manicômio, mesmo não estando cega. Esta atitude promove uma ruptura na narrativa, pois ela é a única, entre todos os demais, que toma uma decisão, faz uma opção contrária a um possível conformismo ou temor paralisante, que pudesse afastá-la ou preservá-la da realidade surpreendente e terrível com que todos se deparam:

Voltou para o marido e disse-lhe, que esperam em baixo, têm ordem expressa de não subir. Pelos vistos o ministério está mesmo assustado. Vamos. Desceram no elevador, ela ajudou o marido a transpor os últimos degraus, depois a entrar na ambulância, voltou à escada para buscar a mala, içou-a sozinha e empurrou-a para dentro. Finalmente subiu e sentou-se ao lado do marido. O condutor da

ambulância protestou do banco da frente, Só posso levá-lo a ele, são as ordens que tenho, a senhora saia. A mulher, calmamente, respondeu, tem de me levar também a mim, ceguei agora mesmo. (SARAMAGO, 1995, p.44)

Apesar das imprevisíveis consequências de seu ato, ela toma uma decisão que atesta, mais do que tudo – mesmo de seu amor pelo marido – a sua liberdade, tornando-a protagonista de sua própria história, e não mera vítima de uma fatídica epidemia. Assim, no decorrer da narrativa, notam-se as implicações coletivas que sua iniciativa provocará: sem revelar sua condição de que pode ver às personagens que estão à sua volta, tentará manter, a todo custo, o bem-estar coletivo, impedindo que os próprios condenados tornem mais infernal o inferno em que foram trancafiados. A libertação, inclusive, do grupo de cegos ladrões, que se aproveita da situação caótica que ocorre dentro do manicômio, e que, de certa forma, prenuncia o que acontece fora deste espaço, no restante da sociedade, ocorre graças à sua atitude de matar o chefe do grupo.

Logo após o assassinato, ela, já fora da camarata dos fascínoras, trava um diálogo com o cego da contabilidade, que assume, então, o mando do grupo explorador. Ele a ameaça, dizendo que poderá reconhecê-la pela voz:

A voz não engana, basta que pronuncies uma palavra ao pé de mim e estás morta, O outro também tinha dito isso, e aí o tens, Mas eu não sou um cego como ele, como vocês, quando vocês cegaram já se conhecia tudo do mundo, Da minha cegueira não sabes nada, Tu não és cega, a mim não me enganas, Talvez eu seja a mais cega de todos, já matei, e tornarei a matar se for preciso” (SARAMAGO, 1995, p. 188).

Reitera-se, dessa forma, que o estado da cegueira não é o que mais importa, mas a atitude de matar, a iniciativa de tomar uma decisão drástica, contrária àquela situação degradante, e que seria repetida se preciso fosse. Neste sentido, a fim de dar continuidade a este processo de libertação, ela coloca fogo na camarata dos “cegos malvados”, que se propaga por todo o manicômio e acaba por provocar a libertação de todos.

Mesmo as atitudes das autoridades governamentais, que repercutem até os mais baixos funcionários da hierarquia institucional, como os soldados que cuidam do manicômio, também devem ser vistas como opções individuais, com implicações sociais. Os soldados cumprem ordens porque assim o querem; não podemos ingenuamente acreditar, como bem nos alerta o texto de Sartre, que as circunstâncias os levaram a tratar de forma tão sub-humana os presos confinados. Mesmo como resposta a mandos superiores, suas atitudes são individuais, resultam de opções, e refletem-se na situação daqueles presos: eles seriam a última barreira que separava os cegos do manicômio do restante da sociedade. Só que, devido ao incêndio, quando a mulher do médico conduz os aprisionados a fugirem do fogo, depara-se com o insólito:

Já não era o luar que iluminava o espaço amplo e vazio que ia até ao portão, mas o clarão violento do incêndio. A mulher do médico gritou, Por favor, pela vossa felicidade, deixem-nos sair, não disparem. Ninguém respondeu de lá. O holofote continuava apagado,

nenhum vulto se movia. Ainda o medo, a mulher do médico desceu dois degraus. Que se passa, perguntou o marido, mas ela não respondeu, não podia acreditar. Desceu os restantes degraus, caminhou em direção ao portão, puxando sempre atrás de si o rapazinho estrábico, o marido e companhia, já na havia dúvidas, os soldados tinham-se ido embora, ou levaram-nos, cegos também eles, cegos todos por fim. (SARAMAGO, 1995, p.209)

Novamente, o que se ressalta não é o estado de cegueira que acabou por atingir os soldados, situação inexorável a que todos estavam submetidos, mas as atitudes que tiveram, em relação aos aprisionados, enquanto ainda enxergavam. Eles contribuíram, ao acatar ordens superiores, para a situação de desgraça dos cegos que ali foram colocados. Portanto, a atitude individual de cada um deles, assumida sob sua exclusiva responsabilidade, teve conseqüências diretas para o grupo aprisionado e que terminaram por reverter por sobre suas próprias vidas.

Parece ser o desnudamento da responsabilidade de todo indivíduo na construção da história de todos o que o **Ensaio sobre a cegueira** quer oferecer ao leitor – daí advindo o matiz existencialista que se pode perceber emanar da obra, tornando-o muito próximo do esforço do Sartre de **O existencialismo é um humanismo**, em sua tentativa de conciliar a ética individual e as exigências históricas e coletivas. No plano teórico, tal aproximação poderá, de fato, soar como absurda para aqueles que, desde os primeiros livros, reconhecem o teor radicalmente humanista da visão de mundo de José Saramago. No plano artístico, porém – que é o que, afinal, aqui conta – isto poderá não ser assim tomado, conseguindo mesmo acrescentar uma nuance interessante de sentido às perquirições do Autor sobre a vida contemporânea.

## Conclusão

De posse dessa poderosa forma investigativa da realidade que é o romance e desse instrumento expressivo de urgência que é a alegoria, Saramago leva-nos a encarar as luzes cegantes da existência presente. Talvez, então, seja a imperiosidade dessa urgência que faça seu texto ganhar contornos existencialistas: em **Ensaio sobre a cegueira** não há passado e a história termina com uma pergunta aberta ao futuro. Veja-se, nesse sentido, o diálogo final entre o médico e sua mulher no encerramento do livro:

Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem. (SARAMAGO, 1995, p.310)

Caberá, pois, ao leitor decidir se esteve a ouvir uma “história doutro mundo”, no qual ele não vê nenhuma correspondência existencial com o **seu** mundo ou se, a partir dela, pôde reparar que esse mundo estranho e absurdo também é o seu.

**Referências Bibliográficas:**

COUTINHO, Carlos Nelson. A trajetória de Sartre. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e humanismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966. p.39-84.

LUKÁCS, Georg. **Existencialismo ou Marxismo**. Trad. de José Carlos Bruni. São Paulo: Senzala, 1967.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: \_\_\_\_\_. **Os Pensadores**. Trad. de Virgílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.3-22.

---

i Odil José de OLIVEIRA FILHO, Doutor

(UNESP/Assis, Departamento de Literatura)  
E-mail: odil@assis.unesp.br

ii **Miriam Giberti Pátaro PALLOTTA, Doutora**

(UNIP/Bauru, Curso de Letras)  
E-mail: mpallotta@uol.com.br